

*Eugénio Lapa Carneiro
e colaboradores do Museu,
em trabalho de campo em
Parada de Gatim, Vila Verde.*

Maria Helena Carmona de Araújo	Eugénio Lapa Carneiro: um Homem de Cultura	3
António de Sousa Araújo	Mesteirais da cerâmica na documentação medieval	5
António P. Dinis	Contribuição para o estudo das olarias do Termo de Vila Real: Manuel Rodrigues, oleiro em Parada	21
Manuel Leão	A louça de Ovar e Aveiro na barra do Douro	31
Isabel Maria Fernandes	O fabrico de louça preta no concelho de Aveiro	41
Maria Manuel Bringel	Os lobos do barro: contornos da indústria oleira Mafrense	54
António José de Oliveira	Um forno quatrocentista nos arrabaldes de Guimarães	74
António José de Oliveira	O testamento de Domingos Teixeira, oleiro de S. Miguel de Creixomil	76
Manuela Alcântara	Um contrato de 1769 sobre a comercialização da louça de barro de Guimarães	81
Álvaro Arezes Leão Martins	O Cantarinho: Uma Peça de Teatro de Cordel	85
Paulo Dordio Gomes; Maria do Rosário Melo; Maria Isabel Pinto Osório; António Manuel Silva; Ricardo Jorge Teixeira	Cerâmicas tardo-medievais e modernas de importação na cidade do Porto	89
Carla Maria Braz Martins	Um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Branco)	97
Fernando Castro	Caracterização química de produções cerâmicas dos concelhos de Gois e Arganil	102
Fernando Castro	Bases de dados analíticos sobre cerâmicas antigas portuguesas interesse para a investigação arqueológica	105
A.M. Dias Diogo e Laura Trindade	Um estudo sobre a modulação e tipificação dos vasos cerâmicos	111
Eduardo Nery	Painel cerâmico em relevo numa fachada do Museu de Olaria, em Barcelos	121
Notícias e Recensões		122
Notas Biográficas		126
Resumos / Abstracts		129

Um conjunto cerâmico dos sécs. XV / XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo)

Carla Maria Braz Martins*

R
RESUMO

O espólio em questão é proveniente de Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda. Trata-se de um achado fortuito, complementado com uma posterior intervenção arqueológica efectuada na Tapada da Praça, Rua Dr. Garcia de Andrade, Escarigo. O material cerâmico data do séc. XV/XVI.

O espólio cerâmico em questão é proveniente de um achado fortuito, complementado com uma posterior intervenção arqueológica efectuada na Tapada da Praça, Rua Dr. Garcia de Andrade, freguesia de Escarigo, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda.

Escarigo (da raia), freguesia com orago de S. Miguel Arcanjo, situa-se a uma altitude de 597 m, à latitude de 40° 51' 25" e longitude 6° 49' 55", numa zona de xistos mosqueados cinzentos e algumas bancadas coneanas pelíticas, na proximidade do contacto com o granito (CARVALHOSA 1959: 9), tendo como rede hidrográfica a Ribeira de Alinguel e a Ribeira de Tourões, esta última situada a 2,5 Km da confluência com o Rio Águeda, servindo ambos de fronteira.

Sendo esta região de fronteira e passagem, de géneros e pessoas (COSTA, 2, 1979: 418), é óbvio que as suas terras irão sistematicamente ser invadidas e saqueadas, principalmente em época moderna.

Assim, em 17 de Outubro de 1642, Escarigo, Almofala, Torre dos Frades, Colmeal e Mata de Lobos, foram totalmente arrasadas pelos castelhanos durante a Guerra da Restauração, tendo estes sido detidos somente em Escalhão (SILVA 1992: 421). Alguns anos mais tarde, em 1664, já no reinado de D. Afonso VI, a região é novamente alvo de invasões, travando-se a célebre batalha da *Salgadela*, em Mata de Lobos (BORGES 1993: 11). Também aquando da Guerra dos Sete Anos, em 1762, os exércitos do Marquês de Sarriá ocuparam Castelo Rodrigo.

O vigário Manuel Ferreira da Silva, a 10 de Abril de 1758, refere-nos que a ruína de Escarigo, por muitos considerada *Lisboa a pequena*, graças ao seu comércio e negócios florescentes, se deu efectivamente na época moderna (BORGES 1993: 79), tendo sido então destruídas muitas casas de fidalgos com cariz quinhentista.

A presença moderna em Escarigo está bem patente, mesmo aos olhos de um descuidado turista. De facto, na arquitectura desta airosa freguesia, abundam as características manuelinas. De salientar, a casa da albergaria, situada na Rua da Albergaria, com uma porta e janelas quinhentistas, assim como a decoração que emoldura um bonito nicho de alminhas.

Os dois locais apontados remetem-nos também para um horizonte de peregrinações, já que por aqui passava uma das vias rumo a Santiago de Compostela. As alminhas apresentam elementos decorativos que se traduzem em vieiras (símbolo das peregrinações a Santiago), e a casa da albergaria seria um local de apoio aos romeiros. Júlio António Borges aponta-nos dois percursos atravessando Escarigo:

1. Escarigo – Almofala – Castelo Rodrigo – Serra da Marofa – Aldeia do Colmeal – Pinhel – Trancoso – Lamego – Trás-os-Montes e Minho – Galiza (BORGES 1993: 41);
2. Um outro, seguia de Escarigo ao Convento de Santa Maria de Aguiar, onde, segundo rezam as lendas, S. Francisco de Assis terá passado aquando do seu percurso para Santiago, tendo pernoitado em Castelo Rodrigo (BORGES 1993: 42).

* Bolseira da Praxis XXI

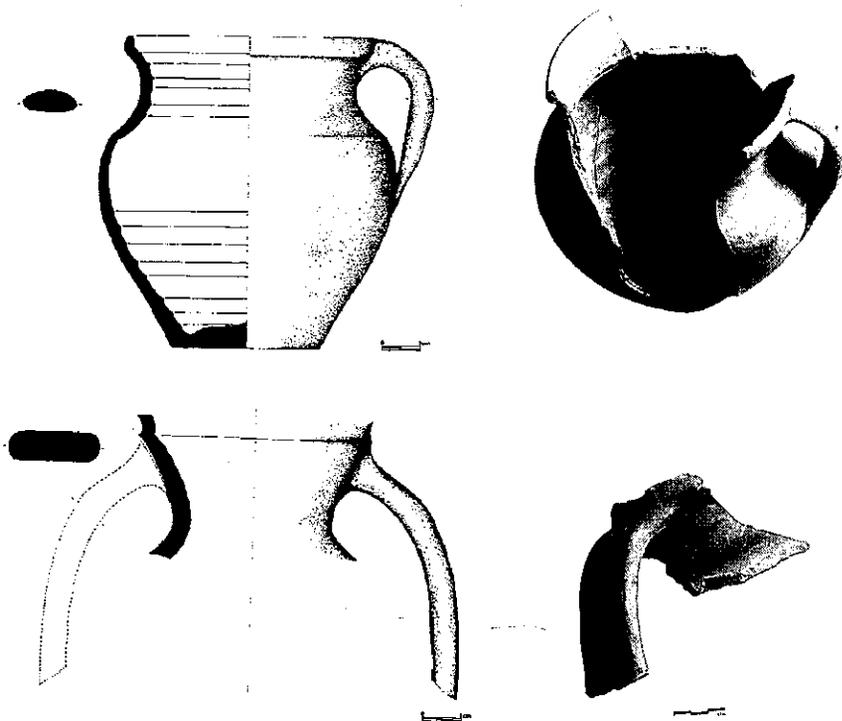


Fig. 1
Cerâmica comum moderna
(achado anterior à intervenção arqueológica)

Daqui podia-se tomar dois caminhos, um em direcção a Chaves e o outro rumo a Bragança (GIL 2000:113).

Uma vez perto da fronteira Norte, os peregrinos dirigiam-se a Xinzo de Limia, Ourense, ou então a Tui, Pontevedra, antes de alcançar a almejada cidade de Santiago de Compostela (GIL 2000: 207).

A intervenção arqueológica efectuada em Novembro de 1999, foi considerada de emergência. O motivo foi a alteração do traçado da Rua Dr. Garcia de Andrade, decisão tomada pela Junta de Freguesia de Escarigo. A referida rua era contornada por um muro em xisto que, com o objectivo de alargar a via pública, foi deitado abaixo e reconstruído no mesmo local, mas num ponto mais recuado em relação ao muro inicial (4 de Setembro de 1999). Durante a realização desta obra, foram encontrados materiais cerâmicos, de época moderna, assim como escórias e objectos em bronze de excepcional qualidade, tornando pertinente a concretização de uma sondagem entre o referido muro e a via pública, que iria ser calcetada.

A intervenção arqueológica revelou a um nível estratigráfico camadas simples, de entulho e revolvimento, com cerca de 100/150 anos (altura da construção do muro inicial), tendo sido exumado, ao nível cerâmico fragmentos de cerâmica tardo-romana (séc. IV/V) e alti-medieval, cerâmica moderna (séc. XV/XVI) e contemporânea.

A estratigrafia correspondente ao nível romano/medieval (não se tratando de nível de ocupação, mas de escorrimento de outros locais – ter em conta que o local da intervenção seria um local de passagem na margem de um ribeiro e encontrando-se perto de uma via romana) terá sido revolvida em época moderna, pelo que se justificam as faianças e cerâmicas comuns encontradas (em grande percentagem), assim como um «passador em T», um botão, e espólio numismático.

As cerâmicas comuns datadas do séc. XV/XVI, de cozedura oxidante, exumadas antes e durante a intervenção apresentam pastas rosadas e bejes, ou então alaranjadas (fig. 1), algumas das quais com engobe interno (fig. 2), observando-se marcas de espatulagem. As resultantes de uma cozedura redutora, apresentam pastas cinzentas, mais grosseiras.

As formas que predominam são taças, jarros e vasos de tamanho médio, assim como um assador, de utilização doméstica, sendo algumas de levar ao fogo (fig. 3).

De entre as cerâmicas, consideradas faianças, dever-se-á salientar uma elegante taça (fig. 4), decorada a sépia com motivos geométricos e vegetalistas, de tom dourado, de Paterna-Manises (REAL *et al.* 1995: 179 e 184; GOMES; GOMES 1991: 467), assim como as bonitas escudelas carenadas e com duas pegas polilobuladas, e prato de pasta grosseira, rosada e depurada, com esmalte espesso branco (fig. 5), considerados de louça malegueira (GOMES; GOMES 1991: 465; BARREIRA *et al.* 1998: 151-152). As cronologias destas cerâmicas apontam para finais do séc. XV e primeira metade do séc. XVI, estando em consonância com o «passador em T», o botão e o espólio numismático, onde se destacam cinco ceitis em cobre, com cronologias possíveis entre 1495 e 1557.

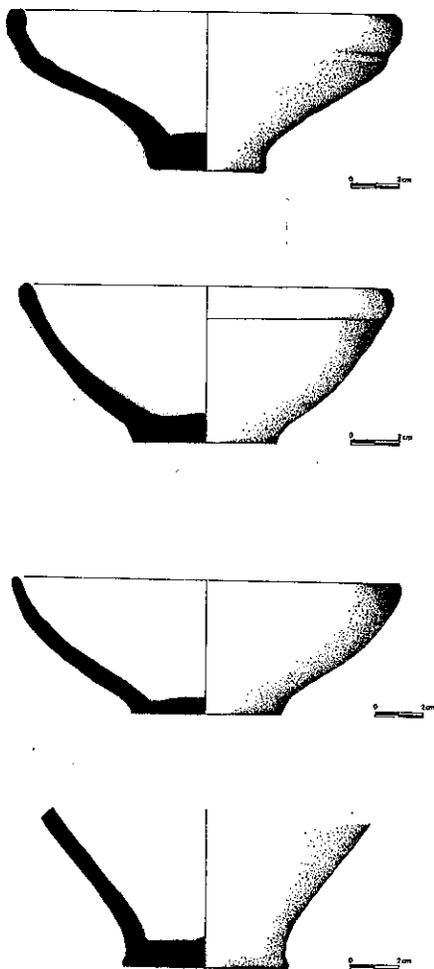


Fig. 2
Cerâmica comum moderna, engobada interiormente
(achado anterior à intervenção arqueológica)

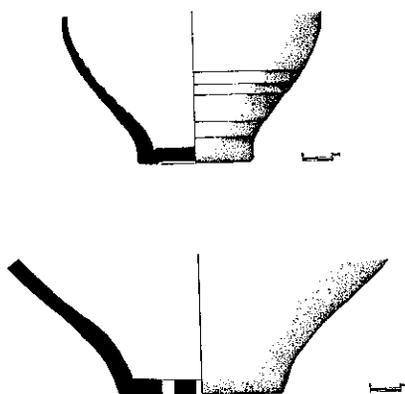


Fig. 3
Cerâmica comum moderna
(achado anterior à intervenção arqueológica)

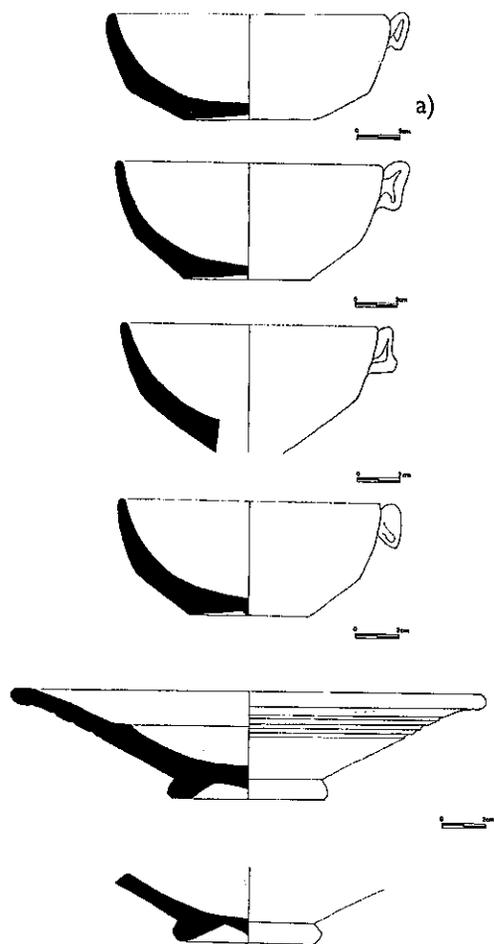
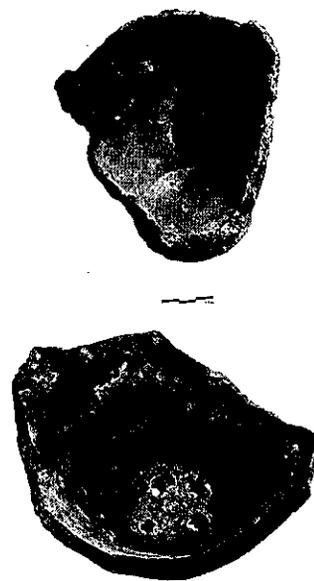


Fig. 5
Louça Malegueira
(achado anterior à intervenção arqueológica)



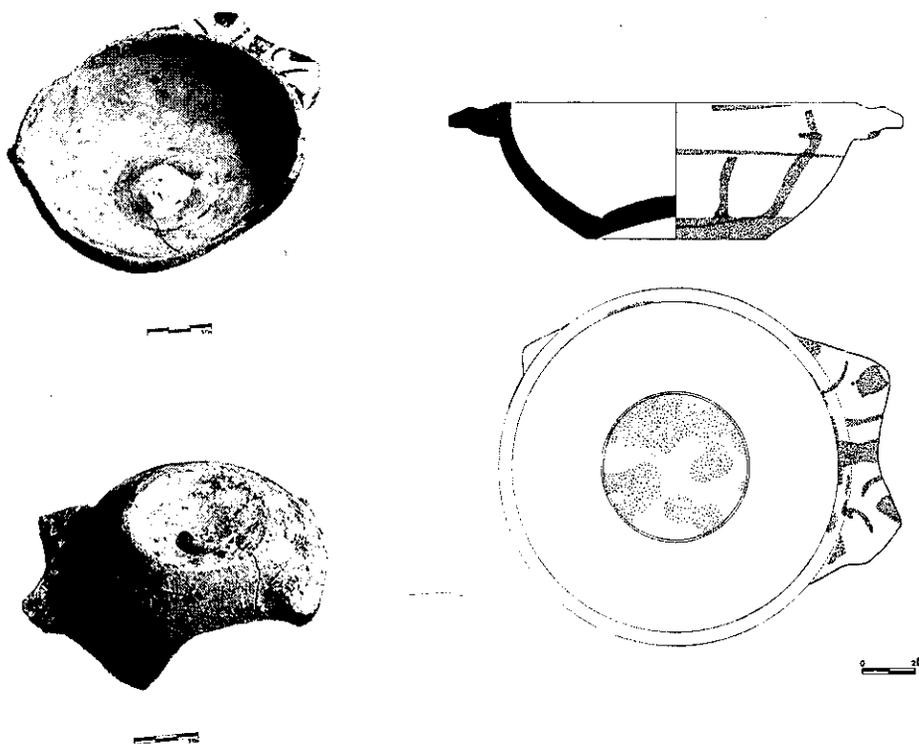


Fig. 4
Cerâmica de Paterna-Manises
(achado anterior à intervenção arqueológica)

Considerações Finais

Poder-se-á pois concluir que esta intervenção arqueológica é mais um contributo para o estudo da presença essencialmente moderna nesta região, mais particularmente em Escarigo, salientando-se os materiais cerâmicos, metais e numismas de considerável qualidade.

Os materiais importados, de tradição muçulmana, estão bem presentes, podendo-se pois, salientar a sóbria escudela proveniente de oficinas valencianas, de Paterna-Manises, assim como uma das escudelas de louça malegueira, que pelo tipo de pasta e tom de vidrado, será importada de Málaga (fig. 5 a). Este segundo tipo de cerâmicas foi posteriormente fabricado em Portugal, Barreiro, Lisboa (desde 1566) ou mesmo Algarve (GOMES, I, 1991: 465), sendo as restantes escudelas provavelmente de fabrico nacional (fig. 5).

Pelo que já foi referido, Escarigo, nos séc. XV / XVI, foi uma vila de extrema riqueza, onde predominava a actividade comercial, a avaliar pelo espólio encontrado.

Bibliografia

- ALENUS-LECERF 1995** Alenus-Lecerf, J. – Contribution a l'étude des verres provenant des tombes mérovingiennes de Belgique, in Le verre de l'antiquité tardive et du haut moyen âge. Val d'Oise: Musée Archéologique Départemental du Val d'Oise, 1995. 57-92.
- ALBUQUERQUE 1996** Maria Paula V. B. Albuquerque – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar em Riba-Côa. Figueira de Castelo Rodrigo: Santa Casa da Misericórdia, 1996.
- AMIGUES; MESQUIDA GARCÍA 1993** Amigues, F.; Mesquida Garcia, M. – Les ateliers et la céramique de Paterna (XIII-XV siècle). Paterna : Musée Saint-Jacques, 1993.
- BARREIRA et al. 1998** Paula Barreira; Paulo Dórdio; Ricardo Teixeira – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: actas. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1998. 145-184.
- BARROCA 1989** Barroca, Mário – Em torno da residência senhorial fortificada: Quatro torres medievais na região de Amares. VI Colóquio Português de Arqueologia: actas. Porto: [s.n.], 1989. Separata.
- BORGES 1993** Borges, Júlio António – Figueira de Castelo Rodrigo. Roteiro Turístico do Concelho. Figueira de Castelo Rodrigo: Edições da Câmara Municipal, 1993.
- CABRAL 1961** Cabral, A. A. – Figueira de Castelo Rodrigo e seu concelho: subsídios para uma monografia. Beira Alta. Viseu: [s.n.], 1961.
- CARVALHOSA 1959** Carvalhosa, António – Carta geológica de Portugal, nº 15 D. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1959, 9.
- CINTRA 1984** Cintra, Luís F. Lindley – A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Lisboa: INCM, 1984, 38-40.
- COSTA 1938** Costa, Américo – Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular. Vila do Conde : [s.n.], 1938, vol. VI, 270-271.
- COSTA 1979** Costa, M. Gonçalves – História do Bispado de Lamego. Lamego: [s.n.], 1979, vol. 2 412-418 e 555-557.
- GARCIA 1991** Garcia, José Manuel – Religiões antigas de Portugal. Lisboa: INCM, 1991.
- GIL; RODRIGUES 2000** Gil, Carlos; Rodrigues, João – Por caminhos de Santiago. 3ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000.
- GOMES; GOMES 1991** Gomes, Mário Varela; Gomes, Rosa Varela – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séc. XIV, XV e XVI do poço-cisterna de Silves. In A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1991.
- GUIA SID GUIA DE PORTUGAL**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d., vol. 3, 968-973.
- MACHADO 1984** Machado, José Pedro – Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Editorial Confluência, vol. I, 1984.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ 1982** Martínez Caviro, B. – La loza dorada. Madrid: Editora Nacional, 1982.
- PATRIMÓNIO 1993** Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Lisboa: IPPAR, 1993, vol. 2.
- REAL et al. 1995** Real, M. L.; Gomes, P. D.; Teixeira, R. J.; Melo, R. F. – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX. 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: actas. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1995, 171-186.
- SILVA 1992** Silva, José J. – Monografia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Figueira de Castelo Rodrigo: Santa Casa da Misericórdia, 1992.
- SILVA 1998** Silva, José J. – Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo. Vila Nova de Foz Côa: Estrela Côa, 1998.
- VICENTE 1992** Vicente, A. M. B. – Domínio e senhorio de Santa Maria de Aguiar, séculos XII e XIII. Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal: actas. Ourense: Monasterio de Osera, 1992, vol. I, 563-582.